

Jornal

Psicologia em Foco[®]

EDIÇÃO 27
JULHO, AGOSTO E
SETEMBRO DE 2015

EU SOU
EU SOU
EU SOU

8 E 9 SESSÃO ESPECIAL

É o pai?

4 ENTREVISTA

JPF entrevista Fernanda Peres Maranhão sobre o massacre de 29 de Abril

6 ANALÍTICO EM FOCO

Vida Adulta e a Síndrome do Ninho Vazio

11 COTIDIANO

Drogadição: uma tentativa de compreensão



Jornal
Psicologia em Foco

ISSN 2178-9096

EDIÇÃO Nº 27- JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 2015

COORDENAÇÃO

Vinicius Romagnolli R. Gomes
(CRP 08/16521)

EDIÇÃO

Toni Trentinalha

REDAÇÃO

Eduardo Cherrito, Gabriela Cristófoli,
Ieda Marinho, Luana Ramos Rocha e
Toni Trentinalha

REVISÃO

Ariana Krause (CRP 08/17743),
Christian Silva dos Reis, Giovanna
Bertoni (CRP 08/19036)

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Vermelho Panda Estúdio de Design

DIVULGAÇÃO

Cayla Aparecida de Sousa, Cícero
Félix, Fernanda Ferdinandi, Fernanda
Maysa Borniotto, José Valdeci
Grigoletto Netto e Taís Kemp Abdo
(CRP 08/20920)

IMPRESSÃO

Gráfica O Diário

TIRAGEM

2000 exemplares

ACESSE NOSSAS MÍDIAS SOCIAIS
PARA RECEBER NOVIDADES E
CONTEÚDOS EXCLUSIVOS



facebook.com/
psicologiaemfocoinstituto

PUBLIQUE SEU ARTIGO

envie um e-mail para
ipfoficinadosaber@gmail.com

ou entre em nosso site para
maiores informações
institutopsicologiaemfoco.com.br

CARTA AO LEITOR



Santo Homem

TONI TRENTINALHA

Graduado em Letras, acadêmico do 3º ano de Psicologia da UniCesumar e membro do JPF.

De onde viemos? Para onde vamos? Quando se fala no homem, essas são duas perguntas que não faltarão. Atentemo-nos então para a primeira. A maioria de nós está familiarizado com a cronologia geral da evolução, e, embora saibamos que os discursos a ela envolvidos são bem mais complexos e devem ser tratados com muito mais cuidado do que a princípio se supôs, no momento, a evolução está mais bem estabelecida do que nunca esteve.

Seguindo, por hora, esse princípio, pensemos no homem em seu estranho começo, na época em que ele surgiu de outra espécie para ser reconhecidamente humano, - certo é que qualquer um de nós a tentar estabelecer esse período no tempo, cairá em um campo cercado de incontáveis controvérsias.

O que já se conseguiu provar, é que nossos antepassados ou ancestrais próximos se comportavam como homem muito antes de vir ter a aparência dos tais. E a utilização do fogo, da linguagem e da sociabilidade foram costumes de muitas espécies, que por diversos testes anatômicos, pasmem, eram ainda subumanas.

Logo, o homem passou a se organizar em sistemas sociais, que primeiramente foram estabelecidos pela relação consanguínea. Isso se tornou ponto de referência pelo qual certos indivíduos se conferem certos status. Sabe-se que atualmente os status são atribuídos indiferentemente da relação sanguínea em comum e tomam as mais distintas intitulações.

Se os membros de qualquer ordem, seja qual for sua configuração, não compartilharem de um sentimento de unidade, nenhuma elaboração formal de hierarquia determinará uma sociedade eficiente ou muito menos culminará em cidadãos satisfeitos. Sem esse sentimento, os contatos pessoais dentro dos sistemas se reduzem ao mínimo, e reflexo disso é que nos isolamos cada dia mais.

É fato que os indivíduos tendem a se relacionar interpessoalmente cada vez menos, mesmo que passem grande parte do tempo conectados uns aos outros. A tendência humana a buscar o relacionamento parece continuar a mesma, ainda que as formas de fazê-lo soem cada vez mais insólitas, inusitadas ou alheias aos nossos costumes. E sobre o para onde vamos? Nelson Rodrigues dizia que quando se trata do homem qualquer devoção é linda, não importa que às vezes o santo não a mereça.

QUEM SOMOS NÓS?

Nossas atividades tiveram início com a criação do Jornal Psicologia em Foco (ISSN 2178-9096), em junho de 2010, idealizado por Vinicius Romagnolli R. Gomes, então acadêmico de Psicologia. O projeto tinha como proposta viabilizar um espaço para produção científica de acadêmicos e profissionais da Psicologia, bem como para promoção e divulgação dos importantes acontecimentos relacionados à área. O JPF tinha inicialmente uma tiragem de apenas 500 exemplares, com 6 páginas em preto e branco. Em 2011, no aniversário de 1 ano do JPF, a Oficina do Saber foi criada, com a proposta de viabilizar um espaço para debates acerca de assuntos atuais.

Já em 2012, foi criado o Grupo Psicologia em Foco, contemplando tanto o JPF quanto a Oficina que, com uma proposta de profissionalização da equipe e capacitação dos membros, investiu em consultorias que auxiliaram na criação de uma identidade organizacional. Em 2013, o JPF ganhou cores, uma nova

diagramação e passou a ter 3000 exemplares em 16 páginas: teve início a Oficina do Saber in Company, com a proposta de levar a Oficina de modo itinerante e customizado para colégios, faculdades e empresas.

Missão: Promover a troca de saberes em um espaço inovador.

Valores: comprometimento, brilho nos olhos, espírito de equipe, qualidade, pró-atividade, foco no cliente.



ASSINE NOSSO JORNAL

Receba cada edição na comodidade
de sua casa e fique sempre por dentro!

www.institutopsicologiaemfoco.com.br

PENSO ASSIM



A busca por felicidade e o culto da performance em nosso tempo

VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES

Psicólogo [CRP: 08/16521], historiador e mestre em Psicologia.

O debate em torno da busca por uma vida feliz em meio a correria do trabalho é antigo. No entanto, ele não perde a sua atualidade e relevância. Talvez para a geração de nossos avós, conhecida como baby boomers, essa questão não tivesse tanta importância como passou a ter para as gerações seguintes. A nossa geração, conhecida como geração Y, é vista como aquela que preza muito pelo prazer e pouco pela disciplina. Dito de outra forma é como se a balança entre deveres e direitos pesasse a favor daqueles para nossos avós e pendesse progressivamente para estes com nossos pais e nossa geração. Vemos assim um processo no qual saímos de um mundo pautado na disciplina para um mundo no qual se valoriza a autonomia e a busca por felicidade. Há, entretanto, um problema nessa busca que se resume em uma pergunta: o que tem nos orientado e guiado nos dias de hoje nessa trajetória?

Com o declínio da tradição e dos valores de antigamente, os indivíduos de nosso tempo tem buscado orientação e inspiração principalmente nas empresas e no esporte, o que resulta num verdadeiro culto à performance. Explico melhor: as empresas passaram a ser vistas como modelos, bem como os executivos com suas valiosas características de empreendedorismo, eficiência, autonomia e ousadia. De forma similar os esportes e esportistas passaram a ser modelos com seus lemas de “superação de limites” e “vencer adversários”. Em ambos os modelos citados fica implícita a ideia de que ser bem-sucedido está atrelado a correr riscos e vencer obstáculos por conta própria.

Esse cenário faz com que nos sintamos soberanos de nosso destino; o empreendedor de nossas vidas, devendo assumir a responsabilidade integral por ela. Isso nos leva a crer que não podemos mais contar com o suporte cultural, tendo em vista que ser bem-sucedido implica construir uma identidade que não dependa de nada além de nossa ação pessoal. Nesse sentido, a identidade pessoal passa a ser encarada como algo a ser construída e não adquirida.

Deste modo, temos uma enorme tendência de nos tornarmos um “indivíduo S.A” que busca incessantemente ser mais feliz e mais completo não tendo como referência o próximo (um membro da família, por exemplo), mas sim modelos nem sempre saudáveis e atingíveis de empresas e esportistas cultuados socialmente. O desdobramento cada vez mais comum disso tem sido o aumento da depressão, afinal, diante de tantas exigências para sermos o melhor em tudo aquilo que fazemos, acabamos por ser dominados por um sentimento de insuficiência.

Freud, dizia que a saúde mental se passa por duas esferas: a do trabalho e a do amor, ou seja, precisamos investir na atividade produtiva, mas em última instância, precisamos amar para não adoecer. Fica aqui uma reflexão: qual tem sido a parcela que temos destinado ao trabalho? E qual temos destinado ao amor? Uma pergunta simples, mas que me parece fundamental em tempos de individualismo exacerbado e busca por níveis de excelência cada vez maiores.



Águas que curam, mas que também devastam

EDERSON HISING

Jornalista, repórter do jornal O Diário do Norte do Paraná e colaborador dos jornais Agora e Psicologia em Foco.

Não existem dados laboratoriais que determinem a dosagem específica para este tipo de medicamento. Não, não. Acordei. Chovia. As janelas abertas e o quarto molhado – afinal ninguém vive de janelas fechadas. Era mais um grande dia aleatório da vida. Sai.

Ela passou do lado de lá da rua, apressadamente. Numa mão carregava o celular, noutra a bolsa, em outra uns cadernos e na outra segurava o guarda-chuva. Atravessou, parecia caminhar ao meu encontro. Ponto de ônibus.

Aproximou-se e me cumprimentou com o canto da boca – um quase sorriso. Éramos nós, a marquise e a chuva. Observei-a atentamente. Aquele olhar misterioso, mais do que o futuro que, volta e meia, se prevê.

Os lábios pareciam um rifle e o sorriso era feito tiro na testa. Não tardou e conversamos; alguns dias a fio. Não sentíamos fome nem vontade de ir embora. A chuva nos acompanhava alguns milímetros, mais rude a cada minuto.

Acendi um cigarro – tivemos nossa primeira briga. Tínhamos um ao outro - e a chuva. Por isso, logo deu o braço a torcer e fizemos as pazes. O mundo

chovia e escorria por guias e bueiros.

A paisagem, mesmo com o tempo chuvoso, ia ficando cada vez mais limpa. O prédio em que eu trabalhava molhou um pouco meus sapatos. Cheguei mais perto para ver. Àquela altura, ela não tinha mais casa. Verteu-se em água semana passada. Passou pela gente, mas sequer deu tempo dela pegar uma muda de roupa; estava se resfriando.

Nada mais era sólido. Há tempos a marquise também nos abandonou e absorviamos no couro a chuva, gota a gota. Desistimos de um abrigo improvisado. Sentia-me chovendo muito mais por dentro, enquanto a água escorria por fora.

Resolvemos caminhar. Quadras e quilômetros, profissionalmente. Por diversão, surfamos em ondas altas. Por desespero, aumentamos o aguaceiro com o choro. Após alguns anos já estávamos adaptados, apesar do incômodo. É sempre assim, a gente se acostuma.

A chuva um dia cessa. Só que de tanta água nos tornamos volúveis demais. Já-mais nos tocamos. Poderíamos desmanchar um no outro. E acho que é por isso que nos damos tão bem. Preciso de uma toalha.

CARTA DO LEITOR

A intenção de obter respostas para questões complexas da vida, às vezes nos faz cometer a injustiça de cobrar da Psicologia as soluções e explicações para todo e qualquer mal, é como se fossem o remédio para todos os males “Freud explica!”. O JPF não tem a pretensão de ser quem vai explicar ou responder as dúvidas que nos confundem e nos angustiam ao longo da vida, mas com certeza é uma ferramenta onde encontramos informações para lidar de alguma maneira com o mal estar. E a forma democrática e clara com que discutem não só a psicologia, mas toda a forma de saber, faz com que torne as informações próximas e a ao alcance de todos.

Giovana Vespa, formada em Moda e leitora do JPF há 3 anos

CHARGE



ALAN BARIANI

jornal psicologia em
foco: cinco anos
transformando,
informando,
formando.

VERMELHO PANDA
design



JPF entrevista Fernanda Peres Maranhão

FERNANDA PERES MARANHÃO

Acadêmica de Ciências Sociais da UEM, militante do Coletivo Quebrando Muros do Centro Acadêmico Florestan Fernandes e bolsista no Observatório das Metrópoles, esteve em Curitiba acompanhando os atos da greve dos professores no histórico dia 29 de Abril.



A greve dos professores, assim como tudo o que tem acontecido na sociedade brasileira, tem sido tomada por um viés partidário e dividido asperamente as opiniões. O quanto a negociação entre os obstinados professores e o repelente governo tem afetado o desenvolvimento da vida acadêmica no Paraná?

Acredito que não seja só um viés partidário que divide as opiniões, visto que vemos o mesmo cenário de precarização das universidades públicas se desenhando tanto a nível estadual, quanto federal. Mas é fato que o horizonte político e econômico que aponta nacionalmente e regionalmente afeta determinante a vida acadêmica no Paraná. Infelizmente, determinações desanimadoras, que inviabilizam o desenvolvimento de projetos que já estão em andamento, o que é uma perda inconcebível, e que afastam ainda mais medidas que tornariam a universidade um espaço mais democrático, mais abrangente, mais popular.

A greve além de afetar o cronograma de estudos dos universitários de Maringá, atinge direta e indiretamente outros setores, como o imobiliário e o empregatício, sem falar dos comerciantes das proximidades das universidades, qual seria a real dimensão do prejuízo social da paralização?

Não sei dizer ao certo sobre o prejuízo comercial, mas podemos dizer que seria um dos poucos ônus de se estar numa região tão especulada pelas imobiliárias e comércio. Sobre um prejuízo social, acho difícil pensar assim, a paralização não é algo espontâneo, ela acontece por uma necessidade, por uma inviabilidade de se continuar qualquer atividade. Neste sentido, se espera que ela traga ao fim benefícios, o maior prejuízo é causado pela dificuldade nas negociações com um governo que não hesita em hostilizar e a prejudicar a vida dos e das trabalhadoras da educação.

Os professores sofreram uma violência física e moral. O quanto você sente os professores emocionalmente abalados por conta da tensão nas negociações?

Vejo como um jogo desonesto, que compra a mídia e por consequência a opinião pública. O que acredito que de fato abala o emocional de toda a categoria. Imagina você ter que explicar a todo momento que o holerite postado pelo governo no portal da transparência é uma farsa? Que sua profissão não tem nem um terço da valorização mensal declarada. Nesta jogada, o governo quis colocar

trabalhador contra trabalhador. Saber que a população acredita mais em uma mídia já tantas vezes exposta por suas mentiras do que na sua classe é bem complicado, gera insegurança, tensão, dúvida, isso desgasta demais. Além, claro, da pressão na relação sindicato-governo, nas ameaças de medidas “punitivas” e as tristes cenas assistidas no dia 29 de Abril.

O Governo, apesar de no momento ser criticado unanimemente acabou de ser reeleito, e ainda tem um “longo” mandato a exercer, quais são suas expectativas pelo o que esta por vir?

Quanto ao governo, negativas. Acho que nesse primeiro ano já deixou claro qual é sua linha política-econômica, que não atua nem em prol da população trabalhadora, nem dos e das estudantes. Quanto a resistência a este, otimista. Acho que os e as trabalhadoras da educação deram um exemplo de luta e tiveram, dentre as muitas respostas negativas, a vitória de barrar, pelo menos por hora, um projeto que vai contra todos os direitos conquistados pela luta das classes trabalhadoras. Expondo e dialogando com a população aonde está a crueldade de cada medida aprovada, o que tornou este governo merecidamente impopular.

Casa e Escritório

Móveis e Acessórios

contato@casaeescritorio.com

www.casaeescritorio.com.br

Av. XV de Novembro, 1046
Maringá - Paraná - 87013-230
Fone (44) 3305-1800

COMPORTAMENTAL



A vida adulta e o Comportamento Operante

CHRISTIAN REIS

Acadêmico do 3º ano de Psicologia da UEM, redator e revisor do JPf e membro do IPF.

Sabe-se que o mundo adulto comporta muitas das obrigações enfrentadas pelo indivíduo durante a vida. Ao sair da adolescência, a maioria das pessoas se depara com as responsabilidades e deveres previstos pelo mundo, e pode tornar-se tarefa difícil, em muitos casos, saber lidar simultaneamente com tantas facetas diferentes da vivência madura. A Análise do Comportamento não enxerga as coisas de modo diferente: o ambiente, em constante relação com o indivíduo, tem papel muitíssimo importante no desenvolvimento da vida adulta que se inicia.

Para o Comportamentalismo Radical, e a Análise do Comportamento como um todo, comportamentos ocupam lugar fundamental na explicação e entendimento dos fenômenos psicológicos humanos. Um de seus principais conceitos relacionados à vivência do indivíduo em sociedade é a noção de comportamento operante. Tal tipo de comportamento é assim nomeado pois representa justamente a ação de um indivíduo na

produção de consequências em seu mundo. Em outras palavras, o ser humano opera o ambiente a sua volta, sendo muito importante salientar que tal operação não é “cega” e, isto sim, provida de propósito e intenção. Esta relação especial entre ambiente e pessoa é muito importante, sendo muito bem explicada, em diversos momentos, por B. F. Skinner, o principal expoente da doutrina:

o indivíduo pode até ser controlado pelo ambiente, mas é um ambiente que é quase inteiro fruto de sua própria criação.

Beyond Freedom and Dignity, 1971

É evidente que a vida adulta se dá em um mundo muitas vezes socialmente ríspido, no qual é preciso que se viva cada momento com dinamismo, sabedoria e com hábil manejo situacional. É também neste momento que se desenvolve a maioria da criação humana: o que será deixado para as futuras gerações. Seja

em questão de produções artísticas, seja na abrangência de outros campos do conhecimento, nas áreas científicas, por exemplo, a vivência adulta abrange o período de maior maturidade produtiva de nossas vidas. Para que isso ocorra, é necessária constante participação do indivíduo na produção de seu mundo. Se constitui, assim, como talvez o período mais importante da vivência dos seres humanos. Neste sentido, fica claro que a Análise do Comportamento, além de enxergar o ambiente como parte muito importante do desenvolvimento humano, considerando ser sempre crucial se voltar a atenção para sua análise, abre espaço para que os indivíduos possam, ainda, ser considerados construtores da própria realidade.



Shutterstock

ESPAÇO
Lord®
mustache

4º PISO
MARINGÁ PARK

44 9909 . 9222

**Dr. Cleto
Rocha Pombo Fº**
médico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276

Especialista em Psicoterapia USP-SP

Av. Tiradentes, 1081
Centro Vascular João Belczak

44 3225-4965

Maringá - PR

Vida Adulta e a Síndrome do Ninho Vazio

CRISTINA ALBUQUERQUE

Psicóloga clínica, presidente do Prometheus Instituto Junquiano de Maringá CRP 08-04349.

Tire suas sandálias porque o terreno em que pisas é sagrado.

Enquanto ser humano moderno pisamos em solo de memórias vivas ancestrais. Somos seres de contexto. Somos seres construídos historicamente. Ressonâncias de experiências arcaicas relevantes à existência se movem invisíveis, porém, poderosamente em nossos pensamentos, em nossas emoções, em nossos corpos, em nossas crenças, em nossas atitudes, em nosso ser.

Os ciclos da vida deitam raízes vigorosas em direção às profundezas vivas deste solo anímico e, à semelhança de um cordão umbilical, extraem a matéria-prima necessária para a materialização da vida na superfície.

Desde a nossa concepção, passando pela infância, adolescência, adulto jovem, maturidade e velhice, até o último suspiro somos sustentados pelas poderosas forças da Natureza. A Natureza tem ciclos, o Homem também. Homem e Natureza estão intrinsecamente vinculados numa relação de sustentabilidade.

Ressonâncias, memórias de reinos muito arcaicos e distantes, habitam vivamente dentro de nós. Num espaço/tempo muito antigo éramos seres de matilha. Milhões de anos e milhões de antepassados foram construindo o que somos hoje. E, nesta laboriosa construção, foi emergindo, gradualmente, o psiquismo que temos hoje.

Um dos parâmetros mais extraordinários desta construção foi a consciência diferenciada que deveria trazer consigo o aplicativo “individualidade”. Um fenômeno singular que nos daria auto sustentabilidade. Que nos capacitaria a existir com qualidade emocional/psicológica mesmo quando andássemos só pela existência. Uma habilidade que nos conferiria a experiência do estar só como sinônimo de estarmos acompanhados de nós mesmos e não como solidão e abandono. Um jeito de se mover pela vida com autonomia, porém desejando a coexistência com o outro. E se o outro por quaisquer que sejam as razões não mais pudesse estar, a vida prosseguiria com significado e bem estar. Se o outro estivesse somaria, agregaria valor, enriqueceria o viver. Se não estivesse, não naufragaria aquele que ficou.



Masterfile

Entretanto, esta habilidade, este aplicativo, ainda está em processo de construção. Atualmente, como no passado, ainda formamos nossas “matilhas” (nossos grupos de amigos, nossas famílias ...) e nelas nos instalamos buscando segurança, validação, mobilidade, apoio, admiração, prestígio, poder, amor ...

Nossa identidade ainda é grupal. Precisamos do olhar do outro para poder enxergar a si mesmo. E quando o outro deixa de estar, somos acometidos de uma profunda sensação de cair num vazio abissal.

Este fenômeno se torna mais crítico no seio familiar. A família é a “matilha” mais sólida, mais consistente, mais significativa, mais revestida de segurança e vínculo afetivo que temos, e nela se lastreia grande parte de nossa identidade. Pais e filhos constroem ao longo de anos uma vinculação tão íntima do ponto de vista psíquico que, a maior parte das vezes, se tornam um grande Um. É neste grande Um que reside a identidade de todos. É um sentimento tão profundo de pertença que fica difícil perceber aonde começa um e onde termina o outro.

Tudo isto fica mais complexo ainda quando os pais fazem dos filhos a razão e a meta de sua própria existên-

cia. Nestas circunstâncias, quando os filhos partem, independentemente das razões, o “ninho” fica vazio e vazia fica a vida de quem fica.

Como os pais estavam imersos em seus filhos e também na labuta diária para oferecer o “melhor” para eles e, desconhecendo até determinado ponto a necessidade de se construir enquanto seres humanos além da persona de pais, se tornaram predominantemente PAIS.

Ser retirado abruptamente (assim sentem todos os pais, mesmo sabendo que um dia os filhos irão) de tão próxima convivência produz um efeito de desconstrução de um contexto. Esta desconstrução vai se fazer sentir em diferentes níveis emocionais/psicológicos. Assim teremos desde reações emocionais mais amenas até profundos estados de depressão e vazio existencial. Tudo dependerá da forma como o relacionamento está constituído, do grau de necessidades e expectativas gerado na convivência.

Esperava-se, dentro de parâmetros psíquicos, que o ser humano adulto já se encontrasse em patamares de individualidade mais expressivos o que lhe facultaria adequada resolução acerca de experiências dolorosas.

Nesta perspectiva, a síndrome do ninho vazio adquire contornos de sofrimento tão intenso na vida humana adulta por conta de ainda não termos acordado a habilidade de lidar com as separações necessárias. Ainda somos crianças psíquicas. Entendemos a ausência física do ser amado como abandono. Se não está ao alcance de minha percepção imediata não existe. Lendo a ausência desta forma, como criança psíquica, é impossível escapar da experiência de perda e abandono.

Contudo, vale lembrar que separações são sempre dolorosas, o que difere, no que diz respeito ao grau de sofrimento, se será uma experiência criativa ou patológica, dependerá substancialmente do amadurecimento da personalidade daqueles que se encontram como pais. E os filhos? Como ficam neste contexto? Bom este é um outro capítulo.



Carl G. Jung e a psicoterapia: Conselhos para a orientação do analista

EDUARDO CHIERRITO

Acadêmico do 5º ano de Psicologia da UniCesumar e membro do IPF.

Não é com facilidade que a psicologia moderna consegue definir a sua atuação clínica. Em seu texto *Prática da Psicoterapia* (2011) Carl G. Jung apresenta a psicoterapia como um método difícil de ser exposto. Os processos mentais são explicados por meio de diversas vertentes desta ciência no decorrer de seu desenvolvimento e do qual atualmente é emergente em diversos campos do saber.

O objeto da psicologia por excelência é o psiquismo do homem, e as diferentes maneiras de apreender sobre o comportamento humano revelam a certeza de uma singularidade. Assim Jung (2011) apresenta que cada abordagem merece mérito e respeito diante de suas investigações, pois possuem contribuições significativas para o processo de saúde mental. Deste modo, não se trata de uma discussão por uma sabedoria exclusiva sobre determinado ponto de vista, afinal, tratam-se de abordagens empiricamente avaliadas.

“Quanto mais o conhecimento penetra na essência do psiquismo, maior se torna a convicção de que a multiplicidade de estratificações e as variedades do ser humano também requerem uma variedade de pontos de vista e métodos, para que a diversidade das disposições psíquicas seja satisfeita”

JUNG, 2011, p.21

O analista possui a responsabilidade de rejeitar métodos não científicos e genéricos, pressupondo que os objetos individuais não são todos idênticos. Ou seja, descrições superficiais do ser humano, partindo de que o individual ou o coletivo são descartáveis, assumindo apenas uma face da moeda. A dialética proposta por Jung não remete apenas ao psicoterapeuta como um agente ativo, mas como um sujeito que vivencia junto ao seu paciente o processo evolutivo em questão, auxiliando o desenvolvimento de uma personalidade saudável, onde ele (o terapeuta) não é em hipótese alguma um ser superior ao seu analisando.

O psicoterapeuta deve buscar sua terapia individual, assumindo que é necessário que seu aparelho psíquico esteja saudável para auxiliar o psiquismo de seus analisandos. Não apenas a psicoterapia individual do analista é necessária, mas também a busca constante de conhecimento e atualizações. O homem encontra-se em processo evolutivo desde de seu alvorecer, o que diríamos, portanto, das ciências produzidas por ele?

A cada semana artigos, livros e projetos científicos são realizados, conduzindo a avanços inimagináveis até um paradoxo de tempo antecedente. E, no desen-

volvimento psicológico oriundo do processo psicoterapêutico Jung (2011) destaca que é fundamental permitir o fluir das habilidades do indivíduo em análise. O homem deve ser responsável em seu agir por si mesmo, caso contrário apenas repetirá a existência, sem que sua personalidade seja concebida.



GettyImages

Dr. Felipe P. de Figueiredo

Médico Psiquiatria da Infância e Adolescência
CRM/PR 31918 RQE 17208/17215

- Médico Psiquiatra da Infância e Adolescência pela HCRP-USP.
- Especialista em Terapia analítico-comportamental.
- Doutorado do Programa de Pós-graduação em Saúde Mental da USP de Ribeirão Preto.

Dra. Giovana Jorge Garcia

Médica Psiquiatra
CRM/PR 24337 RQE 17431

- Médica Psiquiatra pela HCRP-USP.
- Doutorado do Programa de Pós-graduação na Saúde Mental da USP de Ribeirão Preto.



essentia
Clínica de Psiquiatria

Telefone: 44 3346-9222 - Avenida Tiradentes, 1.008 - sala 1604
Maringá - PR contato@essentia.med.br

E

Com essa pergunta, Winnicott intitula um de seus famosos textos sobre o papel do pai no amadurecimento infantil. Trata-se de um curto, porém riquíssimo – e, por que não dizer, encantador? - trabalho, no qual ele apresenta algumas reflexões sobre a importância do pai.

Para apresentar essas reflexões, entendo ser necessário esclarecer, inicialmente, que o pai, na teoria winnicottiana, é um pai real, que protege e sustenta as relações familiares por meio de sua presença concreta, desde os primórdios da vida do bebê, sendo importante, ao longo do processo de amadurecimento, de diversas maneiras, mas sempre contribuindo com um objetivo único: o estabelecimento de uma identidade integrada.

No início do desenvolvimento, mais precisamente no período chamado de dependência absoluta, no qual a mãe e o bebê formam uma unidade, o pai é importante, porém de uma forma indireta. Nesse primeiro momento, ele possibilita que a mãe seja mãe, ao lhe ajudar nas atividades inerentes ao primeiro ano de vida e lhe proteger de interferências externas, de tal forma que ela possa se dedicar integralmente ao bebê.

Mais tarde, no período de dependência relativa, tem início o processo de desadaptação gradual, o qual coincide com o desmame. A mãe desilude o bebê, quando, em doses suportáveis para ele, não atende

**JAQUELINE FELTRIN INADA**

Psicóloga [CRP: 08/15995], graduada pela UEM, mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP e doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Atualmente é professora da Faculdade Cidade Verde e da UniCesumar.

O pai?

prontamente suas demandas. Nesse contexto, a função do pai é fazê-la relembrar que também é mulher e que precisa retomar sua existência independente.

Com o início do processo de separação provocado pelo desmame, o bebê entra em contato com aspectos da mãe que, até então, ele desconhecia: trata-se da dureza, firmeza, ordem, etc. Aos poucos, ele vai se tornando capaz de distinguir esses aspectos do conjunto de cuidados maternos relacionados à maciez e ternura. E é precisamente mediante essa distinção que um esboço do pai começa a aparecer, já que a maciez e a ternura passam a ser atribuídas somente à mãe. Inicialmente, pois, o pai é uma espécie de duplicação da figura materna. Isso significa que sua entrada na vida da criança se dá como um aspecto da mãe. Somente mais tarde – e se tudo correr bem –, é que ele acaba se transformando em um ser humano inteiro.

Assim, o pai é a primeira configuração de pessoa total com a qual o bebê se depara, o que só é possível porque ele nunca esteve tão misturado com o pai o quanto esteve com a mãe. Quando alcança com maior consistência o estatuto de unidade no estágio de concern, integrando seus instintos amorosos e destrutivos (sendo estes inerentes àqueles), a criança adquire a capacidade de ser ambivalente. Trata-se de uma grande conquista no processo de amadurecimento, pois, a partir daí a criança pode se relacionar com pessoas inteiras.

Mas esse estágio somente é elaborado e estabelecido mediante repetidas experiências de danificação e reparação, nas quais o pai assume a importante função de proteger a mãe de toda a impulsividade da criança, ao impor limites através de sua dureza, força e rigor. Assim sendo, o pai permite que o infante entre em contato com sua destrutividade, para conhecê-la e controlá-la, sem que se sinta ameaçado pelo aniquilamento da mãe, já que esta, protegida, sobrevive aos seus ataques. Ao sustentar essa situação, a mãe, por sua vez, possibilita que a criança entre no círculo benigno, ou seja, que dos seus ataques surjam a culpa e a reparação.

Ao passar pelo estágio de concern, integrando sua destrutividade, a criança está capacitada para lidar com o complexo de Édipo. O pano de fundo sobre o qual esse complexo se desenrola diz respeito às relações triangulares, as quais adquirem mais importância do que o próprio complexo edipiano. O pai torna-se importante devido à posição que ocupa, de marido, homem e integrante da família. Diferentemente de Freud, Winnicott entende que o lugar da lei só pode ser assumido se, antes de tudo, o pai se fizer real na vida da criança a partir de suas ações concretas de proteger, sustentar e intervir nas relações familiares, funcionando como um modelo de integração. Ou seja: o pai conquista uma atitude firme perante os

filhos quando tem uma presença não só real, como também amistosa, dentro de casa.

Interpondo-se entre a mãe e o filho, o pai exclui a criança da relação do casal, o que, embora provoque nesta uma série de fantasias de ódio e de vingança, constitui um ponto de referência e estabilidade para o infante, que, a partir daí, pode vivenciar a ambivalência própria da situação edípica, na qual a genitalidade se faz presente, sem medo, porque existe à frente do menino um pai, e da menina uma mãe, possibilitando a conservação do desejo da criança, bem como assegurando que ele permaneça na esfera da fantasia.

Nesse contexto, a reação do pai é muito valiosa, na medida em que atribui um significado às experiências de rivalidade e amor da criança. Assim, para Winnicott, é importante que ele seja emocionalmente maduro, pois só dessa forma poderá, com calma, dar conta de toda ira, ódio e raiva que sobrevir do filho.

Quando o pai, interpondo-se entre a mãe e o filho, é por este amado, ele ocupa, de fato, seu lugar, tornando-se digno de admiração e identificação. Só assim ele liberta o infante da tensão oriunda da manutenção de fantasias eróticas dirigidas à mãe, possibilitando que ela seja, seguramente, amada pela criança e, mais do que isso, que esta possa, livre de culpa e medo, amar outras pessoas.



Um pouquinho sobre a Gestalt - terapia

LUANA RAMOS ROCHA

Acadêmica do 3º ano de Psicologia da UEM e membro do IPF.

A Gestalt-terapia se diferencia das outras abordagens por ser mais descritiva, além de priorizar a pessoa por si só, não uma teoria que a possa explicar. Assim sendo, são de maior relevância as necessidades e pensamentos do indivíduo, se comparado aos “achismos” e hipóteses do terapeuta, além das teorias que o antecedem. Rodrigues (2011) afirma que o propósito da Gestalt-terapia é o estabelecer de um ambiente em que seja possível a existência de uma relação terapeuta/cliente, com a consciencialização do ser humano em relação à sua maneira de ser e agir, não havendo amarras nas explicações dessas maneiras unicamente.

O humanismo e o existencialismo são duas das filosofias bases para a Gestalt-terapia. De acordo com Ribeiro (1985), nas psicoterapias humanísticas o homem é tido como o centro, apto a administrar-se e regular-se. Vendo o homem dessa forma, é indispensável que o processo terapêutico o contemple como um todo, pois não é suficiente trabalhar apenas com pensamentos, linguagem ou feitos do mesmo. Nesse sentido, tem-se de muita importância na psicoterapia a ajuda ao cliente na descoberta de todas as suas potencialidades, de modo a esmiuçar a plenitude de sua essência, isto é, ajudá-lo a atingir a indemnidade, quer no pensar, no comportar-se ou em seu modo de se expressar. Dessa forma, espera-se que o cliente atinja sua completude, fazendo uso de todas suas potencialidades, sejam elas ocultas ou ainda não utilizadas.

É alegado pelo filósofo Heidegger que, enquanto todas as coisas simplesmente são, apenas o homem existe, como qualidade de estar no mundo - uma vez que o homem é o único que possui linguagem, entendimento e sentimento. O homem é um ser em construção, por esse motivo é o único que existe. Ele tem a capacidade de antecipar-se a si mesmo, projetar-se e tomar conta de seu próprio ser. No existencialismo o homem é visto como uma entidade única, possuidora de desejos e liberdade, determinada e responsável. Segundo Ribeiro (1985), o existencialismo é a representação de uma

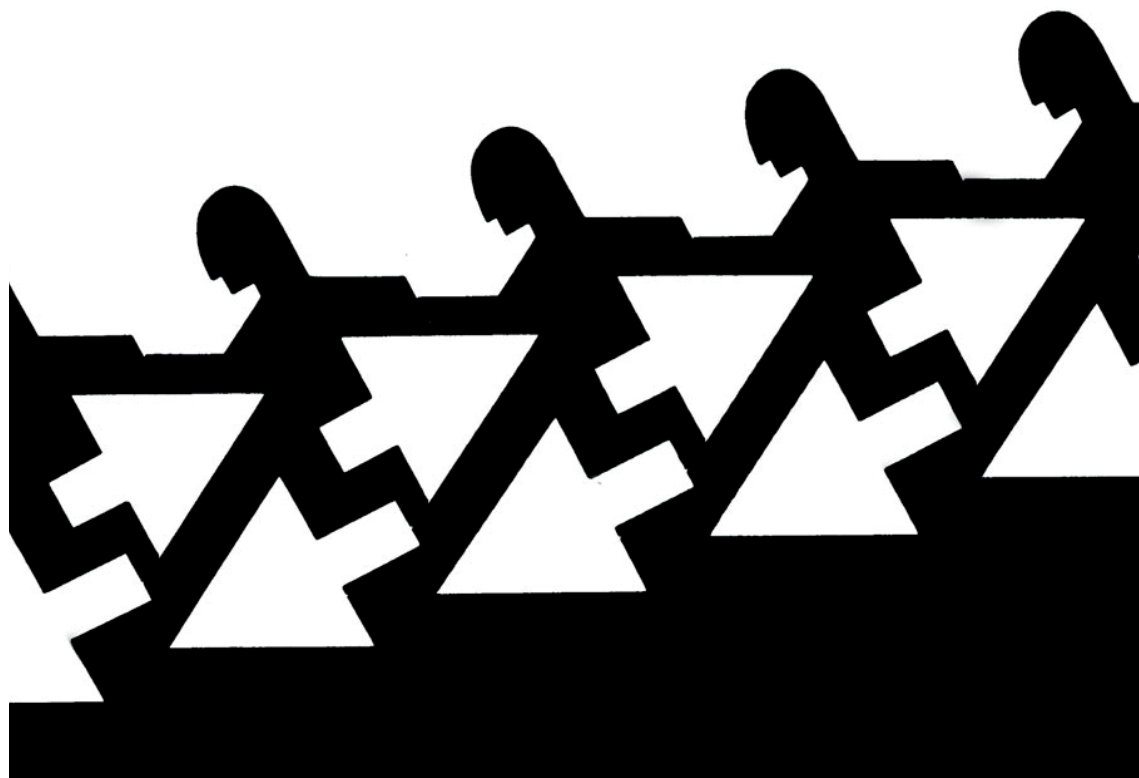
experiência particular, singular; em outras palavras, faz alusão diretamente à existência humana. Na psicoterapia o cliente é instigado a se conscientizar de seu projeto de vida, da forma como esse projeto está sendo realizado e a melhor forma de pô-lo em prática, sempre levando em consideração a subjetividade, a visão de mundo e a realidade do cliente.

A Gestalt-terapia dá muita importância ao tempo presente, ou seja, o aqui-agora, mas, de forma alguma, passado ou futuro são excluídos da terapia se o cliente sentir que deve citá-los. Os acontecimentos do passado e as vivências futuras influenciam o presente da pessoa, e exclusivamente no agora é que se torna possível entrar em contato com as lembranças ou as

possibilidades, permitindo um reconhecimento de todas as alternativas que lhe são cabidas.

Conforme Rodrigues (2011) pode acontecer de o cliente não vivenciar o momento pelo qual está passando, com pensamentos no passado: “como cheguei a isso? ”, ou no futuro: “o que será de mim? ”; é função do terapeuta, então, fazê-lo estar ciente (aware) dos acontecimentos, propondo o “passar através”. Com isso, as chances de o cliente apoderar-se da situação momentânea são ampliadas. Ainda pode acontecer de o psicólogo pedir ao cliente que “reviva” o momento, falando sobre como ele ocorre e expondo as forças que mais encontram-se presentes, para que haja o real entendimento das vivências e do aqui-agora.

Termino com uma frase do psicólogo Jorge Ponciano Ribeiro, grande nome nesta abordagem: “Fazer Gestalt é bem um consumir de essências na relação a dois. É um colocar-se todo para se descobrir inteiro na relação e na vida. Fazer Gestalt é um contínuo desafio”.



Rolfing
Brasil
integração estrutural

Rolfing é um sistema de reestruturação corporal e educação do movimento no qual o profissional manipula o tecido conjuntivo que envolve e conecta nossos músculos e ossos (chamado fáscia), liberando as tensões existentes em segmentos corporais como pés, pernas, quadris, tórax, pescoço e cabeça, realinhando-os à gravidade.

Com Rolfing o corpo ganha equilíbrio e não precisa gastar tanta energia para realizar movimentos básicos como manter-se em pé ou caminhar.

A sensação de totalidade adquirida com o Rolfing também contribui para a evolução pessoal, na medida em que estimula o autoconhecimento.

José Henrique Bronze Dias
Rolfista Estrutural e Movimento
rolfingmaringa@gmail.com
Maringá (44) 3031-2280 / 9973-3905
Londrina (43) 9617-6600

COTIDIANO



Drogadição: uma tentativa de compreensão

RODRIGO GONÇALVES CORRÊA

Psicólogo clínico (CRP: 08/21130) e colunista do jornal O Duque.

Este não será um texto contra as drogas. Não poderíamos nos dedicar, ao mesmo tempo, ao ataque e à compreensão. Não se afaste da leitura por conta disso. Compreensão não é cumplicidade. Aqui, a compreensão é um convite que apela a você, a questionar-se junto conosco sobre a questão que, talvez, seja aquela que mais interessa à psicologia: por que alguns se viciam e outros não? Essa é uma indagação que temos tanto desejo de saber quanto medo de perguntar. Porém, se nos encorajamos a propô-la aqui é porque confiamos em sua capacidade de nos perdoar caso nossas considerações se mostrem insuficientes em esclarecê-la.

O entorpecente, seja ele qual for, atinge seu grau mais elevado de periculosidade quando deixa de representar a satisfação de um desejo e assume o papel de objeto de necessidade. É nesse caso que se configura o quadro de dependência, quando o sujeito passa a sentir que é incapaz de viver fora do estado de consciência que a droga lhe proporciona. Sua existência se reduz à constante busca por suprir essa necessidade.

Essa transição nos interessa.

Em um primeiro momento, o sujeito escolhe drogar-se, faz da droga uma espécie de recreação. No entanto, quando o vício se instala, o sentido de drogar-se é alterado, e a recreação perde seus traços de divertimento se transformando em um imperativo, uma ordem, experienciada pelo sujeito como irrecusável, que o convoca ao uso da substância que agora adquire a forma de um cárcere.

Como o uso da droga deixa de ser “um agradável prazer” para assumir os moldes de uma prisão?

Parece tão equivocado quanto inútil explicar a drogadição por conta da irresponsabilidade do usuário. A responsabilidade não poupa ninguém. Nem o vício o poupa das consequências do uso. Ele sofre-as na carne, na consciência e nos olhares que o tocam. Ao negar a responsabilidade do toxicômano, negamos que haja um sentido para o drogar-se e, na ausência de um sentido, empregamos nossos esforços na busca de uma causa. Mas a causa nos remete à ideia de passado, nos concentra na pergunta “de onde



o vício veio?” e desvia nossa atenção de uma questão que, talvez, nos fosse ainda mais fértil, que é para onde o vício vai? Essa nova dúvida restitui o sentido que a anterior havia usurpado. Aponta para o futuro, para a direção na qual o projeto de drogar-se conduz o drogadicto. Faz-nos olhar para o usuário novamente enquanto sujeito, colocando-o a frente do rótulo que o antecedia.

Ao chamar sua atenção para o sentido que a droga ocupa na vida daquele que se droga, estamos tentando dizer que a droga exerce uma função, que é uma ferramenta que o sujeito usa para ajudá-lo a lidar com o mundo. É uma forma de adaptação, que em alguns casos pode ser tão constitutiva de seu ser quanto qualquer outro de seus traços.

O vício não extirpa a liberdade do sujeito. Pelo contrário, é o sujeito que se conduz livremente ao vício. Eis a complexidade do assunto. Não podemos compreender a drogadição sem restituir ao sujeito seu papel ativo em sua própria conduta. Drogar-se é uma ação e como toda ação, carrega como constitutiva de si, uma finalidade, um objetivo. Alcançando esse objetivo, podemos construir um significado e, a partir do significado, nos aproximar de uma compreensão do caso.

Viciar-se é entregar-se a um estado de submissão, no qual se sucumbe a uma força que é experienciada como insuperável. Mas, convenhamos, o vício não existia a princípio; foi preciso criá-lo e fortalecê-lo. Foi preciso alimentá-lo, livremente, até que ele se mostrasse forte o suficiente para suprimir a própria liberdade. Tal como Dédalo que construiu o labirinto do qual ninguém poderia fugir, para, logo ao fim de seu trabalho, ser nele encarcerado. Assim é o vício, como uma força que age contra si, comprometida em consumir-se a si própria.

Talvez seja essa a característica da drogadição que seja mais cara à nossa compreensão: como é possível que alguém possa se engajar em uma conduta em que a cada ato se aproxima da aniquilação? Que a cada passo livre o conduza mais ao fundo de sua prisão? Essas são questões genéricas, relativas aos efeitos comuns da drogadição e que, portanto, só podem ser conduzidas aqui de maneira generalista, sem, contudo, deixar de apontar em al-

guma direção. Se nos inquieta o caráter autodestrutivo da drogadição, poderíamos nos indagar, na clínica, por exemplo, sobre que aspectos da própria vida aquele sujeito concreto gostaria de aniquilar? Se o vício lhe incapacita de exercer sua liberdade, poderíamos nos investigar sobre como a liberdade pode lhe representar uma ameaça para que ele esteja engajado em anulá-la? Questões como essas, orientadas pela singularidade de cada caso, seriam conduzidas a indagações cada vez mais específicas, revelando aos poucos, ao longo das sessões, pequenos traços do projeto que fundamenta a queixa do paciente. Nesse caso, a drogadição.

Pelo método que, implicitamente esboçamos aqui, fica claro que não consideramos possível traçar um retrato do que seja “o drogadicto”, ou seja, um perfil universal que contenha as razões que expliquem o vício em cada caso particular. O sentido de cada ato só nos pode ser revelado através de um olhar cuidadoso sobre a liberdade que o constitui.

É a liberdade que doa sentido à vida.

Para compreender a drogadição, é preciso ouvir a liberdade do usuário.



CONEXÕES



Pais adultos e responsáveis: um direito dos filhos

CARMEN L. CUENCA

Psicóloga [CRP. 08/06541-2] formada em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá e pós-graduada pela UEM e UFSC atua na clínica com Terapia Sistêmica [Casal].

O divórcio vem se tornando a solução, escolhida por muitos casais, para a insatisfação conjugal decorrente da ausência de amor e desejo. No ciclo de vida familiar, o divórcio é um dos maiores rompimentos e assemelha-se a perda de um dos membros por morte. Ele afeta todos os membros da família, em todos os níveis geracionais e provoca uma desestabilização no desenvolvimento de todos os envolvidos. O sistema familiar requer de um a três anos, em média, para lidar com o processo do divórcio e se estabilizar.

O divórcio separa o casal, mas não anula - ou pelo menos não deveria anular - os laços que unem pais e filhos. O que tende a mudar é a maneira como cada progenitor lida com os filhos. O bem estar das crianças e/ou adolescentes dependerá da maturidade dos pais. Quando o casal não consegue lidar com a separação de forma adequada, os filhos tornam-se as principais vítimas da irresponsabilidade dos pais.

Em casos de conflitos entre os adultos, as crianças podem se tornar protagonistas da separação, tornam-se o centro do problema podendo ser usadas como escudo ou troféu entre os progenitores. Neste contexto, surge a Alienação Parental quando o genitor que não consegue absorver adequadamente a separação desencadeia um processo de destruição, de desmoralização, de descrédito do ex-cônjuge, despertando uma tendência vingativa. Esse indivíduo decide se vingar, da forma mais desumana possível, utilizando a criança como instrumento do ódio e da vingança.

Podemos presenciar na redação do art. 2º da Lei nº 12.318/2010, que impõe:



Considera-se ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, pelos avós ou pelos que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância para que repudie genitor ou que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos com este.

A alienação parental consiste no afastamento de um dos genitores, provocado pelo outro (guardião) de forma voluntária/propósito. Já o processo patológico da Síndrome de Alienação Parental (SAP) diz respeito às sequelas emocionais e o comportamento que a criança vem a sofrer vítima desta estratégia.

Ela descreve a situação em que casais separados, ou em processo de separação, manipulam e condicionam a criança ou adolescente para romper os laços afetivos com o outro genitor, criando sentimentos de ansiedade e temor em relação ao ex-cônjuge.

A SAP é um grande desafio para a Psicologia. Ela precisa ser identificada e compreendida para que as sequelas para os menores sejam evitadas. Uma das ações pode estar no trabalho preventivo com casais - seja no pré-nupcial para discutir as circunstâncias que estão presentes na união conjugal, seja no momento de ampliar a família para entendimento dos papéis de cada um - e na ação de separação para se chegar ao "bom divórcio". O sofrimento no divórcio é esperado, mas não deve deixar marcas ou traumas em nenhum dos integrantes da família.



Transição da Carreira Esportiva

LEONARDO PESTILLO DE OLIVEIRA.

Psicólogo [CRP. 08/12613] e mestre em Educação Física pela UEM, doutorando em Psicologia Social pela PUC-SP e professor do curso de Psicologia da UniCesumar.

Ano após ano a carreira esportiva se inicia cada vez mais cedo entre os jovens que sonham com o estrelato esportivo. O que preocupa não são os altos valores monetários oferecidos pelos clubes que têm condições financeiras para tanto. A preocupação é a respeito do próprio jovem que inicia uma "profissão" precocemente sem nem mesmo saber o que é ser um atleta de verdade.

O ser humano é formado por vários fatores que influenciam seu desenvolvimento, e fundamental seria considerar quatro desses fatores para entender melhor como lidar com as várias fases da vida. A biologia humana, a forma como conduz sua vida, a vida em sociedade e os recursos necessários para tal sobrevivência. Considerando isso, não dá para dizer que um jovem em início de carreira deve se preocupar apenas com as variáveis esportivas; é preciso olhar para sua vida como um todo, não como algo fragmentado.

Muitos pesquisadores se ocupam no sentido de entender e descrever as diversas fases do desenvolvimento atlético, até chegar à excelência esportiva. A transição de carreira é um tema discutido atualmente sobre como lidar com as decisões, entender e colaborar com os atletas no sentido de que suas escolhas sobre a carreira sejam realizadas de forma coerente e tranquila, evitando erros que possam levar ao abandono da carreira.

A importância de se estudar a transição de carreira leva à reflexão sobre a vida do atleta, fazendo com que ele tenha condições de seguir uma carreira esportiva, considerando também a possibilidade de como seguir sua vida, sem o esporte. Mesmo que seja realizado um ótimo trabalho com

os atletas em início de carreira, a família será o ponto chave de todo o processo, pois tudo o que é construído dentro do esporte merece atenção e apoio dos pais. Apoio não significa exigir que o filho seja o melhor atleta do mundo, nem criticá-lo frente aos erros e derrotas. É preciso aceitar o filho com o talento que lhe é ofertado bem como reforçá-lo principalmente frente às derrotas.

No entanto, nem sempre o atleta que começa cedo a praticar o esporte de forma competitiva será um atleta de ponta no futuro. Muita coisa pode acontecer, inclusive o pior, ou seja, ser obrigado a encerrar a carreira sem nem mesmo começar a jogar.

Mesmo não indo tão além aos fatos, sem falar de fim de carreira, vários atletas muito badalados e conhecidos sofrem com longos períodos longe do esporte e, por conta de contusões e cirurgias, muitos chegam a ficar de 6 a 12 meses sem atuar no esporte. Ficar sem jogar para o atleta é algo que incomoda, e muito, seja por lesão, seja por opção do treinador, seja por realmente encerrar a carreira.

Em se tratando de encerrar a carreira, uma das fases mais complicadas para o atleta é quando chega o momento da aposentadoria; aceitar que chegou o fim de uma era enquanto atleta é talvez o maior desafio da carreira, assumir que chegou o momento de "pendurar as chuteiras".

Como toda fase na vida, há o momento de abdicar de algo para assumir novos desafios, e é o que acontece também no esporte, cada fase um desafio, cada desafio uma esperança de novos ares.

Mudar é preciso. Reconhecer o momento certo, fundamental.

Vá mais longe com a LOOKING4 IDIOMAS



(44)3031-7004

Av. Quinze de Novembro, 1012 Maringá- PR



Festa de uns, luto de outros

LÍVIA BATISTA PEREIRA LARRANHAGA
Psicóloga [CRP: 08/13426] e mestranda em Psicologia pela UEM.

O dia das mães já estava chegando ao seu fim e me preparei para ir a um velório que estava acontecendo num espaço que acomoda a realização de vários funerais de forma simultânea.

Chegando lá, o clima era de tranquilidade, as pessoas pareciam consoladas com a morte do senhor. De repente, ouvi o choro aflito de uma mulher. Fiquei imaginando quem poderia ter falecido que justificasse tamanho desespero. Como se houvesse justificativa para a morte. Minutos depois, uma pessoa se aproxima de mim e diz:

- Ali na sala ao lado está sendo velado um bebê de 3 meses.

Pensei:

- Mas no dia das mães?

Essa pergunta era fruto não só da minha indignação como também do fato de que diante de um dia tão festivo para as mães, parecia ser proibido chorar a morte de um filho (ou seria de uma mãe?).

As datas comemorativas traçam uma linha tênue entre a permissão e a exigência. Isso porque esses momentos permitem ou exigem que manifestemos alegria, gratidão, felicidade, contentamento, ou seja, é um tempo para expressar sentimentos positivos.

No entanto, essas datas nem sempre têm o mesmo sentido para todos. Há muito mais pessoas do que imaginamos que ficam fora delas. O problema não é ficar excluído, mas não ter um lugar.

O dia das mães para quem perdeu sua mãe ou seu filho tem cores bem diferentes das 7 cores-padrão do arco-íris que

a sociedade pinta essa data. O cinza me pareceu ser a única cor que preenchia o dia das mães daquela mulher que perdera seu bebezinho.

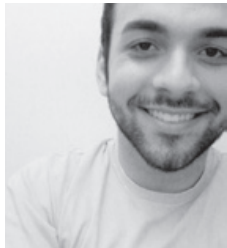
Há uma tendência perigosa que é reduzir à inveja, o sentimento dos que não se encaixam em datas como: dia das mães, dos pais, dos namorados, etc. Na verdade, essa confusão é um reducionismo, pois equivale a comprimir e apertar a humanidade dentro de uma caixinha e rotular o recipiente com uma etiqueta. A dor da existência fora dos padrões não cabe em frascos.

O choro daquela mulher que havia perdido seu bebê era um choro não autorizado, desatualizado, e deslocado, pois era dia da festa das mães e não do luto delas. Nesse sentindo, ela denunciou que a nossa sociedade, com seus padrões e normas, tem a capacidade de colocar uma pedra em cima da nossa dor. Pedra esta que não diz respeito só ao peso que ela tem, como é aquela que tampa, desloca e desautoriza uma dor que clama por ocupar um espaço.

Além disso, o choro remete à dor diante daquilo que não temos/ somos e que a sociedade diz que precisamos ter/ser. É o sofrimento que não cabe em reducionismos e que pode ser potencializado a partir dos padrões de felicidade pregados em murais de rede social.

Por fim, é preciso esclarecer que essa reflexão não é uma exaltação da dor, mas sim uma forma de legitimá-la e oferecer um lugar mais autorizado à ela.

Final, há sempre alguém de luto num dia de festa.



Os lutos da vida adulta

ZECCA GRIGOLETO
Acadêmico do 4º ano de Psicologia da Uningá e membro do IPF.

Muitos acreditam que luto é sinônimo apenas da morte concreta, mas não é. Luto é uma resposta normal e esperada quando há um rompimento de determinado vínculo, podendo ele ser a perda de um papel social, a perda de um emprego, um divórcio e também a morte física de um ente querido. Assim, o luto é essencial para que haja a elaboração e superação daquilo que se perdeu.

De acordo com Kovács (2011) quando o adolescente começa a dar os primeiros passos rumo à vida adulta, inicia-se também

Para tanto, a vida adulta exige que alguns sonhos sejam colocados em segundo plano; há a perda da adolescência, geralmente do ser solteiro, estudante e filho. Porém, em contrapartida, pode se ganhar o adulto casado, profissional e genitor. As mortes simbólicas se fazem presentes, também, na vida adulta, ao passo em que as escolhas feitas começam a desencadear suas consequências (Kovács, 2011).

A vida adulta também é marcada pela mudança de pensamentos, de forma de ver o mundo e, principalmente, da maneira de



um processo de luto pela perda da posição anteriormente ocupada. As responsabilidades e os desafios da vida adulta começam a surgir, desencadeando o início da construção da profissão, do estabelecimento de uma função social e, na maioria das vezes, da construção de uma família.

agir. Assim, o homem está sempre em desenvolvimento, e nunca de maneira estática, parada. O homem é feito de mudanças, e por mais que elas pareçam ser dolorosas, é necessário “matar” o antigo para que o novo possa surgir. É preciso perder para poder ganhar.



GRUPO DE APOIO PARA PESSOAS COM
FIBROMIALGIA

INSCRIÇÕES GRATUITAS

Palestras com equipe multidisciplinar (Psicólogo, Gastrólogo, Fisioterapeuta, Médico e Farmacêutico).

Encontros realizados nas tardes de sábado

Início: agosto de 2015

Local: UniCesumar

Para mais informações, contate-nos:

Clínica de Psicologia: (44) 3027- 6360 Ramal 1150

Caroline:(44) :9714-8991

Gabriela: (44) 9949-4161

Natália: (44) 9820-0457

Luiz Antonio: (44) 9944-1530



Psicologia Clínica
Veruska Betioli de Carvalho

CRP 08/07009-1

Av. Amazonas, 118 | Mandaguari - PR | Fone: (44) 3233-3176

A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG

"Que a maior dita dos filhos da terra seja tão somente a personalidade"
Goethe

Pós-graduação
Lato Sensu
(2015/2016)
Resolução do MEC
CNE/CES/01/2007

MARINGÁ - PR
Início:
Agosto/2015
Coord. Profª.
Dra. Sonia Lyra
(CRP 01206064)
Profª. Esp. Maria Cristina Recco
(CRP 081453)

400 h/aula
2015 / 2017

PROFESSORES: Esp. Adelaide Pimenta, Dr. Antônio Edmilson Paschoal, Dr. Jairo Ferradin, Dr. José Jorge Zacarias, Dra. Josiane Orvatic, Esp. Jubal Dohms, Esp. Luciane Kellen Puerari Pauli, Esp. Márcia Zyskowski, Esp. Maria Luiza Zanellato, Esp. Marisa Klöstner, Dra. Monalisa Dibo, Dr. Osvaldo Giacóia Junior, Esp. Paula Haiashy, Dra. Sonia Lyra, Dr. Viktor Sallis, Dra. Wilma Tomaso

ICHTHYS Instituto de Psicologia e Religião
www.ichthysinstituto.com.br

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: www.ichthysinstituto.com.br
44-3028-4828, 44-8802-1360 Maria Cristina Recco crisrecco@gmail.com
41-9990-0575 Sonia Lyra sonia@ichthysinstituto.com.br

A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE NA PSICOLOGIA ANALÍTICA DE CARL GUSTAV JUNG

"Que a maior dita dos filhos da terra seja tão somente a personalidade"
Goethe

O desejo intenso de encontrar uma personalidade se converteu em problema real, que preocupa hoje em dia muita gente. Jung propõe que se alguém quer educar para a personalidade, que primeiro seja educado, pois, sem determinação, inteireza e maturidade não há personalidade. O curso propõe abordar as questões essenciais que possam contribuir com a formação da personalidade desde seu germe na criança até o ideal do adulto, sendo portanto, a obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal. E tudo isso, aliado à máxima liberdade de decisão própria.

PROGRAMA -2015

01 - 28/29 de agosto de 2015
JUNG: VIDA E OBRA - Dra. Sonia Lyra

02 - 25/26 de setembro de 2015
CONFLITOS DA ALMA INFANTIL - Esp. Maria Cristina Recco

03 - 23/24 de outubro de 2015
PSICOLOGIA ANALÍTICA NO BRASIL - Esp. Luciane K. Puerari Pauli

04 - 27/28 de novembro
MANDALAS - Dra. Monalisa Dibo

05 - 26/27 de fevereiro de 2016
ESTRUTURA DA PSIQUE - Esp. Maria Luiza Zanellato

06 - 02/03 de abril de 2016
ÂNIMA E ÂNIMUS - Esp. Maria Cristina Recco

07 - 29/30 de abril de 2016
ENERGIA PSÍQUICA - Dra. Sonia Lyra

08 - 03/04 de junho de 2016
JUNG E A EDUCAÇÃO - Ms. Albertina Laufer

09 - 02/03 de julho de 2016
SÍMBOLOS E A FUNÇÃO RELIGIOSA - Dr. Jairo Ferradin

10 - 29/30 de julho de 2016
IMAGINAÇÃO ATIVA - Esp. Adelaide Pimenta

11 - 26/27 de agosto de 2016
ÉTICA - Dr. Antonio Edmilson Paschoal

12 - 23/24 de setembro de 2016
TÉCNICAS EXPRESSIVAS: I CHING - Esp. Jubal S. Dohms

13 - 28/29 de outubro de 2016
CONTOS DE FADA I - Esp. Maria Cristina Recco

14 - 25/26 de novembro de 2016
CONTOS DE FADA II - Dra. Sonia Lyra

15 - 24/25 de fevereiro de 2017
O MITO DO HERÓI - Esp. Paula Hayashi

16 - 24/25 de março de 2017
PSICOPATOLOGIA DOS MITOS - Dr. Viktor Sallis

17 - 28/29 de abril de 2017
EROS E PSIQUE NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS - Esp. Maria Cristina Recco

18 - 26/27 de maio de 2017
ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS - Dra. Sonia Lyra

19 - 23/24 de junho de 2017
INTRODUÇÃO À ALQUIMIA - Esp. Ana Luiza Testa

20 - 28/29 de julho de 2017
METODOLOGIA CIENTÍFICA - Dra. Josiane Orvatic

21 - 25/26 de agosto de 2017
PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO I - Esp. Regina Maria Grigório

22 - 29/30 de setembro de 2017
PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO II - Dra. Sonia Lyra

23 - 27/28 de outubro de 2017
PERSONALIDADE DIFERENCIADA NA ARTE E NA MÍSTICA I - Dra. Wilma Tomaso

24 - 24/25 de novembro de 2017
PERSONALIDADE DIFERENCIADA NA ARTE E NA MÍSTICA II - Dra. Sonia Lyra

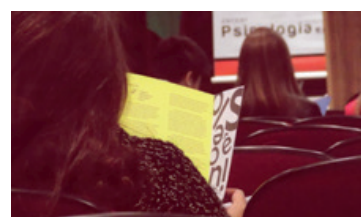
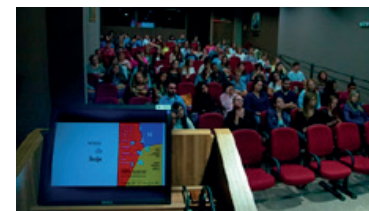
PROGRAMA -2016

PROGRAMA -2017

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: www.ichthysinstituto.com.br
44-3028-4828, 44-8802-1360 Maria Cristina Recco crisrecco@gmail.com
41-9990-0575 Sonia Lyra sonia@ichthysinstituto.com.br

Seguindo o eixo temático "Fases da Vida", no dia nove de maio a Oficina do Saber realizou no auditório da PUC o evento intitulado "Quatro discursos sobre a infância". O intercâmbio de conhecimento entre as quatro abordagens a respeito da infância teve um assunto em comum: todos fomos criança. Portanto, ao tentar compreender um ser humano deve-se olhar para quem ele foi enquanto criança. Carina Ceron deu início ao evento representando a psicanálise, seguida pela Gestalt-terapeuta Gescielly Tadei, Luiz Fernando Corazza com a

analítica e por fim, Maria Estela Martins pautando-se na abordagem cognitivo-comportamental. E no dia 20 de junho a Oficina do Saber recebeu o psicanalista Dr. Tiago Corbisier, professor da FGV-SP. O encontro aconteceu em dois períodos, pela manhã com uma palestra que dialogou a psicanálise dentro das perspectivas social e contemporânea da adolescência. Durante a tarde houve a exibição do filme "Hoje eu quero voltar sozinho" e posteriormente sua discussão.



Magnéia M.S Rocha
FISIOTERAPEUTA - PSICÓLOGA
CRP 08/19956

GESTALT-TERAPEUTA

CENTRO MÉDICO MAURILIO DE OLIVEIRA
RUA NÉO ALVES MARTINS, 3176
1º ANDAR - SALA 11 - CEP: 87013-060

(44) 9978-2511

Gislaine Marquesone
PSICÓLOGA
CRP 08/17486

GESTALT-TERAPEUTA

CENTRO MÉDICO MAURILIO DE OLIVEIRA
RUA NÉO ALVES MARTINS, 3176
1º ANDAR - SALA 11 - CEP: 87013-060

(44) 9926-1250



A Vida Marinha com Steve Zissou

EDUARDO CHIERRITO

Acadêmico do quinto ano de psicologia da Unicesumar, membro do IPF.

Tarefas, listas, reuniões, deveres, contas, salários, colaboradores, reconhecimento, sucesso, e o que mais? Palavras intensas que elevam o espectador a diversos pensamentos, como a lembrança de tarefas não feitas ou aquele prêmio abonado no final do mês. De fato, a vida

adulta é dotada de um singular movimento de produção onde as percepções não são mais as mesmas, e o processo de individuação é eminente após este período. Conduzindo o homem para um movimento interno de desenvolvimento do eu original, acometido por essa intenção o melhor de si e dos outros é motivado.

Com a sutileza do diretor Wes Anderson, A vida Marinha com Steve Zissou (The Life Aquatic with Steve Zissou, 2004) narra a jornada do explorador subaquático que realiza produções cinematográficas de suas aventuras marítimas. Elogiado e aclamado em uma carreira sólida, ao expor seu recente documentário recebe críticas que relevam um possível fim de suas aventuras. Com o recém falecimento de seu amigo atacado por um tubarão-jaguar e o aparecimento de um filho, Zissou (Bill Murray) decide partir para uma aventura maior, um movimento externo de um grito do eu originário, não mais preocupado com críticos ou impressões, mas decidido em seguir para vingar seu amigo. Com uma narrativa que permite o crescimento de cada personagem e trilha sonora cantadas em português na voz de Seu Jorge (Pelé dos Santos), as aventuras de Zissou são estimulantes, divertidas, dramáticas e com surpresas em cada transição.



CINEMA



Uma explosão de cores: os livros para colorir para adultos

LUANA RAMOS ROCHA

Acadêmica do 3º ano de Psicologia da UEM e membro do IPF.

Depois do sucesso das cores neutras, como os “Cinquenta tons de cinza”, a nova tendência é a maior quantidade de tonalidades que puder utilizar. Com os livros para colorir, os adultos estão retornando aos tempos da infância, quando se espalhavam todos os lápis de cor pela mesa e, por alguns instantes, o mais importante era colocar toda a criatividade em prática para deixar o desenho o mais bonito possível.

Quando crianças, existe um esforço muito grande em não pintar fora das margens, em pintar todas as partes do desenho e fazer tudo da melhor forma para depois correr e exibir o feito aos pais ou ao adulto mais próximo, a fim de receber os devidos elogios. “Ficou lindo!”, “Parabéns, como você pinta bem!”. Aparentemente os adultos de hoje, adquirindo esses livros, estão buscando uma repetição desse momento infantil. Percebe-se todo um entusiasmo com a compra ou ganho do livro e a possibilidade de demonstrar suas habilidades artísticas, depois um empenho em colori-lo. Ao terminar, além da autossatisfação e de orgulhar-

se por seu trabalho, logo tira uma foto e posta em todas as redes sociais que participa, a fim de garantir seus likes e comentários, como os que recebera quando menor.

Todavia é um divisor de opiniões – o livro para colorir – e trouxe uma polêmica junto de si. Há quem o abomina e há quem o estima. Algumas críticas giram em torno do afastamento das grandes obras, como as das personalidades da literatura brasileira, Jorge Amado e Paulo Coelho. A censura aparece, nesse caso, na falta da leitura, no “abandono” das palavras e frases. Por outro lado, quem apoia diz que é como terapia. Que a concentração é focada toda no desenho, na escolha das cores, deixando de lado os problemas e, inclusive, os smartphones e os outros tipos de tecnologia. Os usuários do livro têm esse momento como relaxante e a hora do descanso da rotina.



LITERATURA

— F A
S E S
D A —
— V I
D A —

DEPRESSÃO NA VIDA ADULTA

08.08
das 9h às 12h
e das 14h às 18h
na PUC Maringá

com **Julio Chachamovic**

*médico especialista em psiquiatria e psicoterapia de orientação
psicanalítica de Porto Alegre - RS, e autor de inúmeros livros e artigos*

Também contemplará a exibição e debate do filme "Melancolia", de Lars von Trier, com as psicólogas Camila Mangolim (CRP 08/14.217), Maria Carolina Bittencourt Socreppa (CRP 08/16.192), Mariana Santos da Silva (CRP 08/17.748), Rosane Cutolo F. da Silva (CRP 08/14.114) e Tania M. F. Carneiro (CRP 08/14.741).

inscrições:

www.institutopsicologiaemfoco.com.br

REALIZAÇÃO

Oficina do Saber 

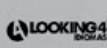
APOIO

VERMELHO
PANDA
design

 **EPPM**
Escola de Psicologia
Psicanalítica de Maringá

PATROCÍNIO

 Linda Li
design e branding

 LOOKING4
DIGITAL

 SILVIO
IWATA

 Boia
Madre

 essentia
Clínica de Psicologia

 MARIA CRISTINA RECCO
Psicóloga Junguiana
CRP 36.3433
44 8882-1300